

A ENTRADA DE RACHEL DE QUEIROZ NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: UMA RECONSTITUIÇÃO JORNALÍSTICA DA PRIMEIRA IMORTALIDADE FEMININA

RACHEL DE QUEIROZ'S ENTRY INTO THE BRAZILIAN ACADEMY OF LETTERS: A JOURNALISTIC RECONSTRUCTION OF THE FIRST FEMALE AUTHOR TO ACHIEVE IMMORTALITY

Taffarel Bandeira Guedes¹

Resumo: Este artigo apresenta uma reconstituição da entrada de Rachel de Queiroz na Academia Brasileira de Letras, tendo sido a romancista cearense a primeira mulher a alcançar a imortalidade. Por meio de uma ampla pesquisa em jornais e revistas saídos no ano de 1977, conseguimos levantar um considerável número de notas, notícias, reportagens e entrevistas que serviram ao nosso propósito de identificar o grande interesse da imprensa à volta de um acontecimento inédito e aguardado como aquele. No mais, além da documentação jornalística, utilizamo-nos, em nossa análise, de fontes bibliográficas, cartas e demais registros que auxiliaram na delimitação do amplo respaldo político e ideológico logrado por Rachel na condição de candidata à Cadeira 5 da ABL: Geisel (1977), Médici (1977), Lacerda (2007) e Fanini (2009; 2010). Definindo as circunstâncias em que se deu a alteração do código, as influentes amizades de que a escritora desfrutava na instituição, o ajuste por parte dos imortais em torno do seu nome e o inegável reconhecimento dado à sua produção literária, mostramos por que não poderia ser outra a primeira figura feminina a participar da glória acadêmica.

Palavras-chave: Academia Brasileira de Letras; Rachel de Queiroz; jornalismo; literatura; política.

Abstract: This article presents a reconstruction of Rachel de Queiroz's entry into the Brazilian Academy of Letters. The novelist from Ceará was the first woman to achieve immortality. We conducted extensive research of newspapers and magazines published in 1977 and collected several notes, news, reports, and interviews that showed a great interest of the press in this

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5622-7429>. E-mail: taffarelbandeira@hotmail.com.

unprecedented and long-awaited event. In addition to journalistic documentation, our analysis included bibliographic sources, letters, and other records that helped us identify broad political and ideological support to Rachel as a candidate for Chair 5 of the Brazilian Academy of Letters: Geisel (1977), Médici (1977), Lacerda (2007), and Fanini (2009; 2010). By revealing the circumstances under which the code was changed, the influential friendships of the writer at the institution, the support of the immortals for her nomination, and the undeniable recognition given to her literary production, we show why she was the only female figure at the time who could attain such academic glory.

Keywords: Brazilian Academy of Letters; Rachel de Queiroz; journalism; literature; politics.

1 INTRODUÇÃO: BREVISSIMA APRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE RACHEL DE QUEIROZ ATÉ 1977

Em 1977, quando foi eleita para a Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz (1910-2003) já era uma escritora há muito consagrada na nossa literatura. Tendo iniciado sua carreira de romancista no ano de 1930, com *O quinze*, livro que tornou seu nome conhecido no cenário nacional, desde 1927, no entanto, colaborava na imprensa cearense, publicando crônicas e poemas nos principais jornais e revistas da capital Fortaleza.

Ao longo da década de 30, decerto seguindo o intenso fluxo de produção romanesca da época, Rachel publica quatro romances: além do primogênito já citado, vêm a público *João Miguel* (1932), *Caminho de pedras* (1937) e *As três Marias* (1939), livros muito diferentes entre si, objetos de grande interesse e elogios por parte da crítica. Inseridos no que se convencionou chamar Romance de 30, os quatro títulos se destacam enquanto criações de alto valor literário em meio a um dos períodos mais prolíficos da nossa historiografia. E se destacam, também, por serem assinados por uma mulher, minoria intrometida numa “literatura de homens, não só pela predominância masculina entre os autores, mas, ainda, pela intriga e pelos protagonistas.” (MARTINS, 1993, p. 10.)

Falando de protagonistas, a partir de *Caminho de pedras*, serão as mulheres a ocupar o centro da ficção de Rachel de Queiroz. Posição de destaque que se mostrará ainda mais evidente desde os títulos dos romances que viriam:

As três Marias (1939), *Dôra, Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992). Diante dessas datas, sobretudo se observarmos os anos de 1939 e 1975 que separam *As três Marias* de *Dôra, Doralina*, notamos um longuíssimo hiato romanesco. Foram 36 anos distante das prateleiras de novidades do gênero que a consagrou, é verdade; mas não se pense, contudo, que, ao longo desse período, Rachel deixou de lado a atividade literária.

Em primeiro lugar, devemos lembrar que, entre os anos de 1950 e 1951, sai semanalmente, em formato de folhetim na revista *O Cruzeiro* (RJ), o romance *O galo de ouro*, somente editado em livro em 1985. Também entre as décadas de 1940 e 1970, Rachel consagrará o seu nome nas páginas dos principais jornais e revistas brasileiros como cronista regular. Ademais, peças de teatro, dezenas de traduções, literatura infantil e coletâneas de artigos e narrativas curtas estão entre as publicações de uma escritora que continuava a trabalhar intensamente, aplicando a sua atividade intelectual em outras contribuições literárias. Ora, diante desse panorama, passamos a entender Rachel de Queiroz como uma escritora que experimentou as mais variadas possibilidades do seu ofício, alcançando sucesso de público e de crítica em tudo o que fez.

Chegando aos anos 1970, depois do muito comentado e aplaudido retorno ao romance com *Dôra, Doralina* – livro que obteve novas edições no ano de lançamento e nos subsequentes –, decerto o segundo grande acontecimento envolvendo o nome da escritora ainda na década foi a sua entrada na Academia Brasileira de Letras. Em 1977, portanto, a bagagem literária de Rachel de Queiroz fazia do seu um nome feminino apto a quebrar um dos tabus mais questionáveis do campo intelectual brasileiro. Mas, como nem tudo é somente merecimento literário, sem dúvida colaborou para a realização do feito as amizades que escritora cultivava dentro da instituição e a sua relação de cordialidade e simpatia com o poder público. É o que detalharemos adiante, tomando por base o que noticiou a imprensa brasileira do período.

2 UMA RECONSTITUIÇÃO DO INGRESSO DA PRIMEIRA MULHER NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS SEGUNDO A IMPRENSA

Pesquisando o episódio em jornais e revistas da época, notamos que foi com grande alarde e interesse que a imprensa passou o ano de 1977 noticiando o que seria o primeiro ingresso de uma mulher na Casa de Machado de Assis. Tendo morrido o ensaísta e magistrado Candido Motta Filho a 4 de fevereiro, ocupante da Cadeira 5 da instituição, o lugar vago mal esfriara e dois dias depois já era assunto nos diários. Na coluna “Informes”, do *Jornal do Brasil*, uma das notas dava conhecimento de que se articulava “a candidatura do jurista Pontes de Miranda à Academia Brasileira de Letras, que pode ter a primeira candidata de sua história: Rachel de Queiroz.” (JORNAL DO BRASIL, 1975, p. 6.)

De fato, nesse primeiro registro que encontramos, estão acertadamente estabelecidos os dois nomes que concorreriam à vaga deixada por Motta Filho. Ainda no mês de fevereiro, os jornais *Diario de Pernambuco* e *O Estado de Mato Grosso* já registravam as articulações dos votantes em torno dos dois principais candidatos. Em sua coluna social do periódico recifense, João Alberto escreve que o acadêmico pernambucano Mauro Mota confessara-lhe ser de Rachel de Queiroz o seu voto: “Pela importância da escritora na literatura brasileira, Mauro acredita que ela poderá ser a primeira mulher a chegar à Casa de Machado de Assis. O que vai acabar com o tabu de muitos anos.” (ALBERTO, 1977, p. 3). Além do de Motta, Rachel também contaria com o apoio de outros dezoito acadêmicos, o que lhe garantiria a eleição.

Dentre todos os apoios, no entanto, talvez o mais significativo tenha sido um feminino, dado por Dinah Silveira de Queiroz, ficcionista que por anos fizera campanha pelo ingresso de mulheres na Academia Brasileira de Letras, posição

de combate nunca declarada por Rachel². Será, pois, somente com a modificação do conhecido Art. 17 do Regimento Interno, ocorrida em outubro de 1976 por iniciativa de Osvaldo Orico, que as mulheres se tornarão elegíveis. Reconstituindo o momento, a socióloga Micheli Asmar Fanini registra que, antes do encerramento da sessão que oficializou a entrada de mulheres na Academia, Afonso Arinos qualificou o ato como

excepcional, ao pôr fim a um assunto com o qual a ABL estava umbilicalmente ligada, e que se apresentava como uma pendência. Portanto, entre a impossibilidade de ingresso de Júlia Lopes como membro fundadora, em 1897, e a eleição de Rachel de Queiroz transcorreram oitenta longos anos. (FANINI, 2010, p. 355).

Quase um século depois de sua fundação, a ABL, que voltaria de recesso no dia 7 de abril de 1977, oficializa nessa data a candidatura de Rachel de Queiroz. A informação do retorno às atividades da instituição consta em notícia do jornal *O Estado de Mato Grosso*. Nas páginas do diário, como já chegamos a comentar, são aventados nomes de acadêmicos simpáticos à entrada de Rachel. Colocando Odylo Costa, filho como um deles, o jornal cita-o diretamente: “Na opinião deste, ‘Rachel é a maior escritora viva e este é o momento de a Academia reconhecer um grande erro do passado quando não permitiu a entrada de Cecilia Meireles.’” (O ESTADO DE MATO GROSSO, 1977, p. 7.)

Será como uma possibilidade de reparação histórica, portanto, que a carta manuscrita de Rachel de Queiroz será recebida pela Academia. Assinado no Rio de Janeiro, a 6 de abril de 1977, o texto breve, mas que serve de inscrição formal à vaga, trazia o seguinte conteúdo:

Ex.mo Sr. Dr. Austregésilo de Athayde,

² “Eu nunca tinha tido a ideia de entrar para a Academia Brasileira de Letras. Inicialmente havia a proibição à entrada de mulheres. Mas nem isso me preocupou, porque jamais tive espírito associativo, nunca participei de clubes literários e congêneres, talvez por preguiça ou indisciplina; na verdade, porque sempre tive a convicção íntima de que, na vida artística ou literária, a única coisa que importa é o que você escreve, o que você pinta, o que você cria.” (QUEIROZ, 2010, p. 222.)

Presidente da Academia Brasileira de Letras.

Pela presente venho pedir a Vossa Excelência o favor de me inscrever como candidata à vaga aberta nos quadros da Academia com o falecimento do nosso saudoso patrício, o ilustre polígrafo Candido Motta Filho.

Com protestos de elevada estima, sou de Vossa Excelência confreira e admiradora. Rachel de Queiroz. (QUEIROZ *apud* LACERDA, 2007, p. 255).

Tendo Rachel realizado o protocolo de inscrição, desta vez amparada pela legalidade do ingresso feminino, a angariação de votos caberá aos amigos, sobretudo aos já imortais Adonias Filho, Vianna Moog e Odylo Costa, filho, que já chegamos a mencionar. Serão eles que tomarão a iniciativa de convencer os demais acadêmicos a votarem na escritora cearense, que a essa altura preferiu se isolar no Sertão, longe de todo o processo que se dava no Rio de Janeiro. Em suas memórias, Rachel conta:

Quando vi a luta armar-se entre os que eram a favor e os que eram contra a presença de mulheres, antecipei a ida para o sertão e fui com Oyama me esconder no Não Me Deixes.

Nesse tempo não tínhamos ainda telefone na fazenda, e, como eu nunca escrevo cartas, pouco as recebo também. Não posso nem dar detalhes da campanha na Academia, porque de nada sabia. Eles, aliás, evitavam mesmo me falar, com medo de que eu atrapalhasse ou que a coisa não vingasse. (QUEIROZ, 2010a, p. 224).

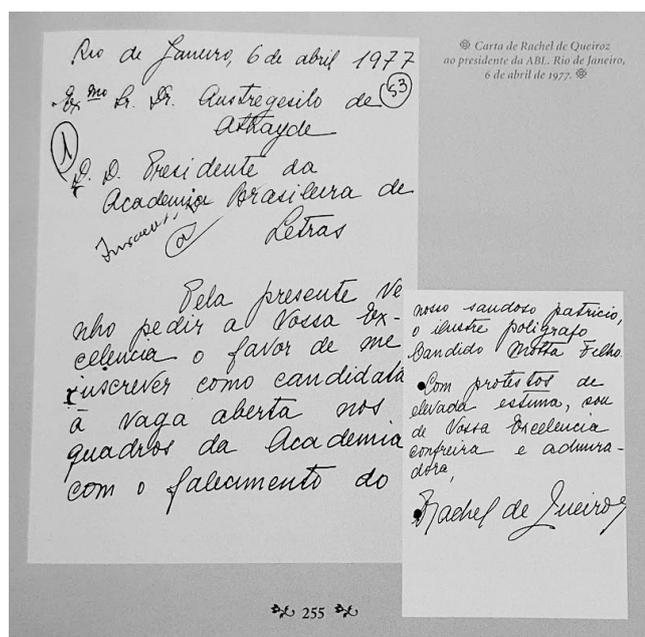
A romancista voltará ao Rio somente uma semana antes da eleição, que se deu no dia 4 de agosto. Até lá, no entanto, a imprensa continuará divulgando novidades sobre o processo. Em março, por exemplo, o carioca *Luta Democrática* estampa que o único oponente de Rachel à vaga de Candido Motta Filho seria o juriconsulto Pontes de Miranda, prolífico escritor na área. Ainda nessa matéria, lemos uma fala brincalhona da romancista, segundo a qual “Pontes de Miranda só vai candidatar-se por insistência da atual esposa do velho mestre (é a terceira). Afinal, é sempre uma distinção ser mulher de ‘imortal’”. (LUTA DEMOCRÁTICA, 1977, p. 2).

Até o final daquele mês, o público saberá de uma série de desistências de possíveis pretendentes, personalidades que abriram mão da candidatura por considerar que o momento era de Rachel. O primeiro será Joaquim Inojosa, que escreveu artigo sobre *Dôra, Doralina* quando do seu lançamento, dois anos antes. Sucede que um grupo de intelectuais paulistas e nordestinos, liderado por Menotti del Picchia, tinha a intenção de lançar o nome do crítico pernambucano à vaga. Ao saber, porém, que a candidatura de Rachel estava em pauta, Inojosa, que foi o arauto do Modernismo brasileiro no Nordeste e no Norte, “não permitiu que as articulações em torno de seu nome prosseguissem pela antiga amizade que o liga à autora de *O quinze*, por considerá-la uma autêntica representante do espírito modernista na literatura brasileira.” (JORNAL DO COMMERCIO, 1977, p. 5).

Dentre as desistências femininas, a coluna assinada por Zózimo, no *Jornal do Brasil*, cita os nomes de Dinah Silveira de Queiroz, cuja pretensão à imortalidade era antiga, Maria José de Queiroz e Iara Góes. Com a abdicação das mulheres (o que terminava por dar força à candidatura de Rachel) e também a saída do páreo do premiado poeta carioca José Paulo Moreira da Fonseca, “o único opositor à eleição da primeira mulher para a Academia Brasileira de Letras passa a ser agora o jurista Pontes de Miranda.” (ZÓZIMO, 1977, p. 3.)

E serão esses dois os primeiros a se inscreverem quando da retomada dos trabalhos na ABL. Parágrafos atrás, indicamos o dia 7 de abril como a data de encerramento do recesso. No entanto, o *Jornal do Brasil* do dia 6 daquele mês colocava Rachel e Pontes de Miranda como candidatos já inscritos, tendo sido a sessão de reabertura antecipada para o dia anterior (5), devido às comemorações da Semana Santa, segundo informações passadas pelo presidente da Academia, Austrgésilo de Athayde. Insistimos nessa data de inscrição exatamente por divergir da incluída por Rachel na sua carta, documento que já transcrevemos, mas que gostaríamos de apresentar em sua versão original:

Imagem 1: Carta de inscrição de Rachel de Queiroz à vaga na ABL



Fonte: 110 anos da Academia Brasileira de Letras, 2007, p. 255.

Ainda em abril, o colunista João Alberto coloca como fortíssima a candidatura de Pontes de Miranda, apesar de considerar garantida a vitória de Rachel de Queiroz. Segundo cálculos do jornalista, a escritora cearense teria 29 dos 39 votos que decidem a eleição. Incluindo José Américo de Almeida entre os imortais entusiastas de Rachel, João Alberto acrescenta uma curiosidade: “o acadêmico Oswaldo Orico, que comandou a campanha pela entrada de mulheres na Academia, está ao lado de Pontes de Miranda.” (ALBERTO, 1977, p. 3). Saindo da coluna social e partindo para as páginas de opinião do mesmo *Diário de Pernambuco*, vamos ali encontrar um artigo assinado por Gilberto Freyre a 19 de junho. Dizendo-se “sempre acadêmico”, por sua posição de isolamento e de aversão às estabilidades do trabalho universitário, o sociólogo comenta em sua crônica as candidaturas de Pontes de Miranda e de Rachel de

Queiroz à ABL. Para o mestre de Apipucos, a amiga deveria ser aclamada “como a primeira escritora brasileira a tornar-se membro da Academia de Letras do seu País: durante anos intransigentemente monossexual.” (FREYRE, 1977, p. 13.)

No dia da eleição, 4 de agosto de 1977, o *Jornal do Brasil* imprimiu uma longa matéria sobre o evento. Informando que Rachel de Queiroz, em caso de vitória, estaria dispensada do uso dos tradicionais fardões, chapéu de dois bicos e espada, o texto traz a público um esclarecimento dado por Austregésilo de Athayde, segundo o qual a primeira imortal usaria um adequado vestido longo e escuro. Essa questão da vestimenta, devemos registrar, será recorrente nas matérias seguintes, exatamente por se tratar de um modelo feminino inédito e ao mesmo tempo matriz para futuras mulheres ingressas.

Marcado o escrutínio para as 17h daquela quinta-feira, a ABL esperava o comparecimento de 29 acadêmicos. Sendo 39 o número total de votantes, 10 enviariam sua decisão por carta, sendo eles Herberto Sales, João Cabral de Melo Neto, José Américo de Almeida, Luis Viana Filho, Mário Palmério, Mauro Mota, Miguel Reale, Menotti del Picchia, Paulo Carneiro e Osvaldo Orico. A eleição de Rachel, na opinião de Adonias Filho, seu principal cabo eleitoral, era tida como certa, tendo o romancista baiano lhe conseguido um mínimo de 22 e um máximo de 29 votos, ainda segundo a matéria.

A Cadeira n.º 5 esperava por seu quinto ocupante. Tendo por fundador o poeta parnasiano Raimundo Correia e por patrono o ficcionista romântico Bernardo Guimarães, ocuparam-na Osvaldo Cruz, Aloysio de Castro e Candido Motta Filho. Trazendo um breve perfil dos dois candidatos à vaga, a mesma reportagem descreve Rachel como uma mulher de 66 anos, cabelos prateados e que atualmente escreve para jornais. Ao resgatar a boa relação que a escritora tivera com o ex-presidente Jânio Quadros, o texto lembra que lhe foi dada também a oportunidade de ser a primeira Ministra da Educação do Brasil,

convite declinado “porque detesta burocracia” (JORNAL DO BRASIL, 1977, p. 15.)

No dia seguinte, 5 de agosto, jornais do Brasil inteiro anunciavam Rachel de Queiroz a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Na nossa pesquisa, encontramos matérias saídas em *O Estado de Mato Grosso* (MT), *Jornal do Commercio* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) e *Diario de Pernambuco* (PE). Em todas elas, a informação de que a escritora recebera um total de 23 votos, contra 15 dados a Pontes de Miranda; um voto foi branco. Encerrada a sessão que durou exatos 25 minutos, alguns acadêmicos se pronunciaram sobre a vitória de Rachel. Pedro Calmon foi um deles. Ao deixar a ABL, o historiador disse ao *Jornal do Commercio*: “Votei contra, sou voto vencido. A Academia passou 80 anos sem admitir mulheres e poderia continuar assim.” (JORNAL DO COMMERCIO, 1977, p. 1). Opinião diferente da expressa pelo Presidente Austregésilo de Athayde, que se disse satisfeito com a entrada da amiga, “pois ela é uma grande figura literária do país.” (p. 1) e por Antonio Houaiss, que desconsiderou os votos contrários a Rachel: “Para efeito moral, Rachel teve 39 votos. A Academia é uma velha senhora que está tomando vergonha aos poucos.” (JORNAL DO COMMERCIO, 1977, p. 3.)

Trazendo as palavras da própria Rachel após a sua vitória, o *Diário de Pernambuco* imprimiu: “Estou muito contente e espero que no meu rastro outras intelectuais ingressem na academia. Desde agora, mais do que nunca, serei eleitora fervorosa da candidatura de Dinah Silveira de Queiroz, a primeira dama da literatura brasileira.” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1977, p. 1). Do outro lado, o candidato derrotado, Pontes de Miranda, mostrou-se de acordo com o resultado: “Estou tranquilo e satisfeito com a vitória da minha amiga Rachel, pois sempre fui favorável ao ingresso de mulheres na Academia.” (JORNAL DO COMMERCIO, 1977, p. 3.)

Detalhes da festa dada por Rachel e Oyama de Macedo no amplo apartamento do casal no Leblon aparecem na reportagem do *Jornal do Brasil*, que coloca os acadêmicos Jorge Amado, Octávio de Faria e Adonias Filho entre os presentes. Sabendo ser este último, que já apresentamos como principal angariador de votos para Rachel, o presidente do Conselho Federal de Cultura – órgão que agora reunia entre seus membros um total de doze imortais –, melhor entendemos o seguinte desabafo de Pontes de Miranda: “Você pode me perguntar se quem venceu foi uma mulher. Eu lhe responderei: não, quem ganhou foi o Governo.” (JORNAL DO BRASIL, 1977, p. 23). Diante de tão massivo apoio, a entrada de Rachel parecia certa desde o ano anterior, quando o Regimento Interno fora alterado. As intenções que orientaram tal modificação do código, portanto, dão ao processo um quê de casuísmo, tendo em vista o favorecimento de uma pessoa em particular, amparada por imbatíveis incentivadores e aliados dentro da instituição. Na opinião da socióloga Micheli Fanini, que estudou profundamente a presença feminina na ABL,

a eleição de Rachel de Queiroz, a primeira mulher a sagra-se imortal, [...] exprime muito menos uma modificação na mentalidade da agremiação do que ratifica a sua compleição: ela é, por suposto, fruto da aquiescência não propriamente acerca do ingresso feminino, mas da eleição de uma escritora que fazia parte do establishment, que mantinha vínculos de amizade e relações de favorecimento e conveniência com muitos acadêmicos. (FANINI, 2009, p. 337-338).

Como a fortalecer a ideia de que a vitória de Rachel de Queiroz foi também a do Governo, no mês de agosto os jornais vão tornar público um telegrama enviado pelo então presidente Ernesto Beckmann Geisel à escritora, parabenizando-a pela conquista:

Sua eleição para a Academia Brasileira de Letras traduz um justo reconhecimento à obra literária que a senhora produziu. Creio que todos os seus leitores, entre os quais me incluo, congratulam-se por fato tão auspicioso e esperam que novos livros de sua autoria surjam para enriquecimento da literatura brasileira.

Presidente Ernesto Geisel

(GEISEL, 1977 *apud* DIARIO DE PERNAMBUCO, 1977, p. 16).

Recebendo homenagens também no plenário do Senado, a escritora terá sua produção intelectual e artística enaltecida até por políticos da oposição, como o seu conterrâneo Mauro Benevides, do MDB-CE. Na Câmara, no entanto, houve quem se mostrasse descontente com o resultado, caso do Deputado mineiro Tarciso Delgado, para quem “Rachel de Queiroz ganhar de Pontes de Miranda é algo que humilha o Brasil.” (JORNAL DO BRASIL, 1977, p. 16).

Nessa mesma matéria, são transcritos os agradecimentos de Rachel ao Presidente do país, após ter recebido o telegrama que citamos pouco acima. Assim responde a escritora ao militar, em carta escrita à mão:

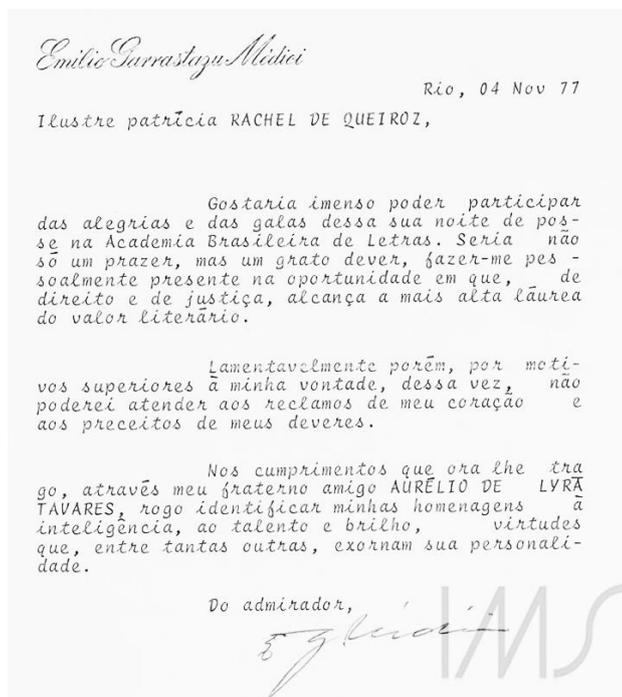
Vossa Excelência avaliará, decerto, quanto me honrou o seu telegrama de cumprimentos, recebido logo após minha eleição para a Academia Brasileira de Letras. E deixou-me especialmente feliz a sua declaração de que se inclui entre os meus leitores. Que pode realmente desejar um escritor, além desse leitor especialíssimo, o seu Presidente? Vossa Excelência diz-me esperar que novos livros surjam ainda; decerto surgirão – afinal é meu ofício escrevê-los. Ofício, aliás, bem ameno, se o compararmos com o seu, senhor Presidente, que o vem cumprindo com tanta bravura, sabedoria e equilíbrio, além do exemplar patriotismo; timoneiro de mão segura, nestas águas difíceis pelas quais navega o mundo, na nossa era. Com os melhores cumprimentos à D. Lucy e lembranças especiais à querida Amália, sou, senhor Presidente, sua patrícia realmente muito grata. (JORNAL DO BRASIL, 1977, p. 16).

Relembrando seus contatos com os presidentes do período Militar, Rachel afirma em suas memórias que só tivera ligações de cortesia com o governo Geisel, “além das boas relações com Amália Geisel, filha do general, que é uma moça de primeira qualidade.” (QUEIROZ, 2010, p. 221). Por outro lado, analisando a correspondência pessoal da escritora, presente no Instituto Moreira Salles, encontramos algumas cartas enviadas pelo ex-presidente Emílio Garrastazu Médici.

A primeira, datada de 11 de outubro de 1971, quando ainda chefe do Poder Executivo, é um agradecimento por ter a escritora enviado, com uma “generosa dedicatória” (MÉDICI, 1971, p. 1) o livro didático *Meu livro de Brasil* (1971), produzido a quatro mãos por Rachel de Queiroz e Nilda Betlem, a ser usado nas aulas de Educação Moral e Cívica do então chamado “ciclo primário do ensino fundamental”. Na correspondência, Médici, acreditando que a verdade e o trabalho sérios são os ingredientes da grande mudança em que todos se empenhavam, reconhecia o serviço levado a cabo pelas autoras, “pela síntese feliz, pela forma singela, e assim adequado ao seu propósito.” (p.1.)

Em outra carta, enviada não mais de Brasília, mas do Rio de Janeiro, a 4 de novembro de 1977, dia da posse de Rachel na ABL, Médici fala de o quanto gostaria e do prazer que seria participar do evento em que a sua ilustre patrícia, “de direito e de justiça, alcança a mais alta láurea do valor literário.” (1977, p. 1). É como um verdadeiro admirador da escritora que escreve o político brasileiro, lamentando profundamente, por razões não explicitadas, não poder estar presente na noite da cerimônia: “Lamentavelmente, porém, por motivos superiores à minha vontade, dessa vez, não poderei atender aos reclamos de meu coração e aos preceitos de meus deveres.” (p. 1).

Imagem 2: Carta de Emílio Garrastazu Médici a Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1977.



Fonte: Acervo Rachel de Queiroz/Instituto Moreira Salles

Voltando aos preparativos, como de praxe, os custos envolvendo a confecção da roupa usada na posse ficam a cargo do governo do estado natal do escritor. No caso de Rachel, conforme informação trazida pelo *Diário de Pernambuco*, o governador do Ceará, o sr. Adauto Bezerra, comunicou a ilustre filha da terra sobre a doação do vestido. A cerimônia de ingresso, como adiantava o *Jornal do Brasil* de 18 de agosto, estava marcada para o dia 4 de novembro, com Rachel sendo recebida na Academia pelo escritor Adonias Filho. Para completar o traje, o Ceará também presentearia a escritora com o colar a ser usado na posse: “É todo de ouro, com o medalhão acadêmico em letras de ouro de lei. Dizem que é uma beleza. Justa homenagem.”, detalhava o *Jornal do Commercio* (1977, p. 14).

Maiores informações sobre a roupa saem na edição de 23 de setembro do *Jornal do Brasil*: no periódico carioca, lemos a notícia de que os acadêmicos haviam aprovado um modelo de vestido a ser usado na cerimônia. Criado, a pedido da escritora, pela estilista Sílvia de Souza Dantas, o traje foi avaliado pelos pares como um longo clássico e discreto. Mais do que o vestido usado por Rachel de Queiroz, seria esse o modelo oficial repetido por todas as demais mulheres que futuramente ingressassem na ABL. Segundo descrição da própria escritora, trata-se de “um longo, na cor dos fardões dos acadêmicos (verde-musgo), com decote em V, de mangas compridas tipo sino e com detalhes das palmas acadêmicas bordadas de dourado nas mangas e decote.” (JORNAL DO BRASIL, 1977, p. 6). Talvez tenha sido a questão da roupa o que mais ocupou a imprensa entre a data da eleição e a da posse. Também estudando a questão, a professora Heloisa Buarque de Hollanda (2015) escreve que, naquele entremeio, “o chá das 5 reverte-se numa arena da moda” (p. 97).

Se serve de amostra do apelo popular em torno da entrada de Rachel de Queiroz na Academia, a Escola de Samba Portela se ofereceu para prestar uma homenagem, com os seus componentes, à primeira imortal brasileira. Essa manifestação, no entanto, não teria espaço dentro da instituição, com o presidente consentindo que os sambistas, do lado de fora, poderiam fazer como melhor desejassem. Seria, então, em plena Avenida Presidente Wilson que a agremiação carnavalesca faria sua participação na grande festa nacional que foi a posse de Rachel.

Como já prevenira o *Jornal do Brasil* de 19 de outubro de 1977, Ernesto Geisel não pôde comparecer ao Petit Trianon na noite de 4 de novembro. A razão, segundo o colunista Zózimo, era “a presença em Brasília do Presidente do Senegal Leopold Senghor.” (ZÓZIMO, 1977, p. 3). Em seu lugar, o Chefe de Estado enviou para a cerimônia o Ministro da Educação Ney Braga. Entre outras autoridades presentes, estavam o Ministro da Justiça Armando Falcão e os

Governadores do Ceará e do Rio de Janeiro, respectivamente os senhores Adauto Bezerra e Almirante Faria Lima.

Tendo Austregésilo de Athayde, presidente da ABL, proibido discursos laudatórios de poetisas, o que alteraria o ritual de posse³, somente duas personalidades puderam ler seus textos para o público: Rachel de Queiroz e Adonias Filho. Público expressivo, de cerca de mil pessoas, com predominância de mulheres entre os presentes. Segundo matéria impressa na capa do *Jornal do Commercio*, a leitura do discurso feita pela mais nova acadêmica durou quase meia hora, “pausadamente, com certo sorriso entre a emoção e a alegria.” (JORNAL DO COMMERCIO, 1977, p. 1).

Não era, conforme a longa fotorreportagem da revista *Manchete* trazia, a primeira vez que Rachel discursava na Academia Brasileira de Letras. Assinada pelo também acadêmico Josué Montello, com fotos de Nilton Ricardo e Gil Pinheiro, a matéria publicada na edição de 19 de novembro detalhava os principais acontecimentos da noite de posse, mas não sem antes lembrar que a escritora cearense já havia pisado na ABL na condição de vencedora do Prêmio Machado de Assis, mais alta láurea literária concedida pela agremiação. Congratulada em 1957 pelo conjunto de sua obra, Rachel realizara um discurso ao receber o prêmio, acontecimento que chegamos a comentar no capítulo anterior.

Agora na condição de membro, exatamente às 21h, trazida pelos acadêmicos Odylo Costa, filho, Octávio de Faria e Francisco de Assis Barbosa, Rachel ingressou no Salão Nobre da Academia, momento em que os demais colegas e convidados levantaram-se e aplaudiram-na de pé. Não deixando de registrar a presença das escritoras e futuras imortais Lygia Fagundes Telles e Nélida Piñon entre o público, Josué Montello faz um resumo do discurso de

³ Austregésilo, talvez na tentativa de atenuar o feito histórico que estava prestes a acontecer, chegou a explicar para um jornalista: “Não será uma mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, mas sim um escritor do sexo feminino.” (JORNAL DO BRASIL, 1977, p. 9.)

posse. Como manda a tradição, Rachel recordou em sua fala os antecessores da Cadeira que passava a ocupar. Cumprindo a ordem, louva a princípio Raimundo Correia, poeta com quem tivera contato ainda na adolescência, e em seguida discursa encomiasticamente a respeito de Oswaldo Cruz, Aloysio de Castro e Cândido Mota Filho, último ocupante da vaga de número 5. No texto laudatório, não poderia ficar de fora Bernardo de Guimarães, patrono da Cadeira e único que compartilhava afinidades com Rachel de Queiroz no que diz respeito ao gênero literário que os fizera famosos: o romance.

Terminada a mensagem, coube a José Américo de Almeida a imposição do colar acadêmico à nova integrante. A entrega do diploma, por sua vez, ficou a cargo de Alceu Amoroso Lima. O discurso de boas-vindas em nome da ABL foi feito por Adonias Filho, sem dúvida o principal articulador e responsável pelos bastidores do acontecimento. Fazendo um apanhado da literatura de Rachel de Queiroz em sua fala, embora tenha colocado sobre *O quinze* o foco da sua apreciação, o acadêmico manifestou certo estudo crítico acerca da vida e da obra da recepcionada, antes de arrematar: “O vosso lugar nesta Casa, pois, não é apenas vosso. É também e sobretudo da Literatura Brasileira, porque ninguém a serviu melhor que vós, Sra. Rachel de Queiroz, com talento e amor, respeito e dignidade.” (ADONIAS FILHO, 1977). Como a resumir a noite histórica, Josué Montello encerra a matéria fazendo uma análise que muito bem justifica toda a atenção que dispendemos em torno desse episódio:

De todas as posses da Academia Brasileira, realizadas até hoje na sede da Avenida Presidente Wilson, foi a de Rachel de Queiroz a mais concorrida. Ao tempo do Silogeu Brasileiro, não houve outra que se lhe pudesse comparar. Nos corredores, nos salões contíguos ao salão principal, nos pequenos espaços entre as salas, a multidão de comprimida, dando à escritora, na noite de sua festa, a sensação física da glória, com os abraços, os apertos de mão e as palmas calorosas, tudo a indicar-lhe que não foi em vão o seu esforço na fidelidade à vocação literária. Pode-se dizer que o Brasil inteiro ali estava para festejar, não somente a entrada das escritoras na Academia, mas sobretudo o triunfo merecido daquela que, neste momento, dignamente e brilhantemente as representa, com os seus romances, o seu teatro e as suas crônicas. (MONTELLO, 1977, p. 11).

Daí pra frente, não conhecemos uma entrevista da escritora que não tocasse na questão do seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, tão grande o impacto daquele feito na mentalidade nacional. Como sabemos hoje, Rachel não ficou por muito tempo desacompanhada de mulheres na instituição. Quatro anos depois, em 1981, entra Dinah Silveira de Queiroz, quem verdadeira e abertamente lutara pelo ingresso feminino. Na sequência, tomarão posse como sócias da agremiação Lygia Fagundes Telles (1987); Nélida Piñon (1990), que em 1996 será a primeira presidente da ABL; Zélia Gattai (2002), ocupando a cadeira deixada vaga pelo marido, Jorge Amado; Ana Maria Machado (2003), quem também presidiu a Academia; a professora Cleonice Berardinelli (2010); Rosiska Darcy de Oliveira (2013); e Fernanda Montenegro, eleita no ano de 2021.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1975, quando entrou na Academia Brasileira de Letras, Rachel trazia em sua bagagem literária um total de seis romances, duas peças de teatro, centenas de crônicas e contos reunidos em coletâneas do gênero, obra infanto-juvenil e um número expressivo de traduções feitas. Dos romances, um seria editado em livro somente em 1985, tendo saído originalmente em folhetins, na revista *O Cruzeiro*, nos anos 1950: *O galo de ouro*. Uma bibliografia, enfim, que a qualificava como o mais forte e evidente nome feminino a ocupar uma vaga na casa de Machado de Assis.

Conquanto a relação direta de Rachel com o regime militar estivesse restrita à figura de Castelo Branco, primeiro presidente do período da ditadura (1964-1967) e único a receber o apoio expresso da escritora, por muitos anos o seu nome ficou marcado como pertencente à parcela da intelectualidade que apoiou a intervenção em toda a sua duração. A própria relação amistosa que

manteve com os demais presidentes serve para ilustrar que a romancista contou com a estima e a simpatia dos militares-políticos que governaram o país entre os anos 1960 e 1980.

Considerando-se uma instituição como a ABL, que, ao longo de toda a sua existência, sempre manteve um diálogo com os diferentes governos da história, por maiores que fossem as divergências, um nome como o de Rachel de Queiroz, respaldado politicamente, era uma aposta segura para a manutenção de boas relações com o poder. Não queremos, com isso, afirmar que todos os acadêmicos eram favoráveis ao governo militar: ao contrário, no Petit Trianon, as opiniões se dividiam em relação à ordem política do momento. Mas, a despeito de qualquer divergência, os interesses da ABL sempre deveriam vir em primeiro lugar.

Ciente de que, durante a ditadura, as instituições que optaram por uma posição de enfrentamento sofreram graves consequências, a ABL, sobretudo nos anos 1970, dependia “do governo federal para levar adiante o projeto que garantiria sua sobrevivência financeira e institucional: a construção da nova sede.” (ALCERDA, 2007, p. 241). Precisando, então, do apoio dos militares para a concretização do seu projeto, a Academia administrará um diálogo bem-sucedido com o governo, alcançando do presidente Ernesto Geisel uma autorização financeira para a construção do prédio há muito sonhado.

No mais, a grande atenção da imprensa à entrada de Rachel de Queiroz na ABL aponta para expectativa popular em torno da primeira imortalidade feminina. E é sem polêmicas ou controvérsias que a romancista cearense ingressa na instituição, tamanho o respaldo político, jornalístico, crítico e acadêmico com que contava em 1977. Quebrando um dos tabus mais questionáveis da nossa história, Rachel, graças à sua pena de escritora e à confraria de amigos influentes, abriu finalmente as portas da Academia para as

mulheres, garantindo-lhes o ingresso num espaço socialmente reconhecido como o mais respeitado reduto da intelectualidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ADONIAS FILHO. “Discurso de recepção”. In: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/discurso-de-recepcao>
- ALBERTO, João. “Vitórias femininas”. *Diario de Pernambuco*, Recife, 18 abr. 1977, p. 3.
- ALBERTO, João. “João Alberto”. *Diario de Pernambuco*, Recife, 12 fev. 1977, p. 3.
- DIARIO DE PERNAMBUCO. “Geisel congratula-se com Raquel pelo ingresso na ABL”. *Diario de Pernambuco*, Recife, 6 ago. 1977, p. 16.
- DIARIO DE PERNAMBUCO. “Ceará dará vestido de gala”. *Diario de Pernambuco*, Recife, 6 ago. 1977, p. 16.
- DIARIO DE PERNAMBUCO. “Rachel de Queiroz quebra tabu e se torna ‘imortal’”. *Diario de Pernambuco*, Recife, 5 ago. 1977, p. 1.
- FANINI, Michele Asmar. “As mulheres e a Academia Brasileira de Letras”. *História* (São Paulo) [online]. 2010, v. 29, n. 1, pp. 345-367.
- FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- FREYRE, Gilberto. “Sempre acadêmico: por quê?”. *Diario de Pernambuco*, Recife, 19 jun. 1977.
- JORNAL DO BRASIL. “ABL escolhe traje oficial que Rachel usará na sua posse dia 4”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 set. 1977, p. 6.
- JORNAL DO BRASIL. “Academia dispensa da espada a mulher que for eleita imortal”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 ago. 1977, p. 15.
- JORNAL DO BRASIL. “Escritora agradece a Geisel”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1977, p. 16.
- JORNAL DO BRASIL. “Informes”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 fev. 1977, p. 6.

JORNAL DO BRASIL. “Pontes de Miranda quer vaga na ABL”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 abr. 1977, p. 12.

JORNAL DO BRASIL. “Presidente da ABL proíbe discursos laudatórios na posse de Rachel de Queiroz”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 nov. 1977, p. 9.

JORNAL DO COMMERCIO. “Em pauta”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 11 set. 1977, p. 14.

JORNAL DO COMMERCIO. “Homenagem”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 3 set. 1977, p. 5.

JORNAL DO COMMERCIO. “Inojosa veta seu nome por Rachel”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1977, p. 5.

JORNAL DO COMMERCIO. “Rachel de Queiroz é a 1ª. mulher na Academia”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 nov. 1977, p. 1.

JORNAL DO COMMERCIO. “Rachel é eleita imortal e Pontes de Miranda acha que vitória é do Governo”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1977, p. 23.

JORNAL DO COMMERCIO. “Rachel, a primeira ‘imortal’ da ABL”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1977, p. 1.

JORNAL DO COMMERCIO. “Rachel, a primeira imortal”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1977, p. 3.

LACERDA, Rodrigo. *110 anos de Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

LUTA DEMOCRÁTICA. “Boletim Geral”. *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1977, p. 2.

MARTINS, Wilson. “Feminismo viril”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1993, p. 10.

MÉDICI, Emílio Garrastazu. [Correspondência]. Destinatário: Rachel de Queiroz. Brasília, 11 out. 1971. [Acervo Rachel de Queiroz/Instituto Moreira Salles]

MÉDICI, Emílio Garrastazu. [Correspondência]. Destinatário: Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro, 4 nov. 1977. [Acervo Rachel de Queiroz/Instituto Moreira Salles]

MONTELLO, Josué. “Rachel de Queiroz: a primeira imortal”. *Manchete*, São Paulo, 19 nov. 1977, p. 4-11.

O ESTADO DE MATRO GROSSO. “Rachel de Queiroz, candidata à ABL”. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 12 fev. 1977, p. 7.

O ESTADO DE MATRO GROSSO. “Rachel de Queiroz, eleita ontem para a ABL”. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, 5 ago. 1977, p. 1.

QUEIROZ, Rachel de; SALEK, Maria Luiza de Queiroz. *Tantos anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

ZÓZIMO. “Reforço Acadêmico”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1977, p. 3.

ZÓZIMO. “Roda-viva”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1977, p. 3.

ZÓZIMO. “Roda-viva”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 out. 1977, p. 3.

Recebido em 02/03/2022.

Aceito em 24/05/2022.